

Importância das Tecnologias de Informação e Comunicação

O conhecimento foi sempre um Bem apreciado pelos povos. Mesmo que se trate do mais mesquinho fragmento de conhecimento, quem o tem, sente-se poderoso. Tu não sabias!!!?

Ouvimos esta interjeição com muita frequência e quase sempre nos arrepiamos se tivermos que responder “não”. Porque será?

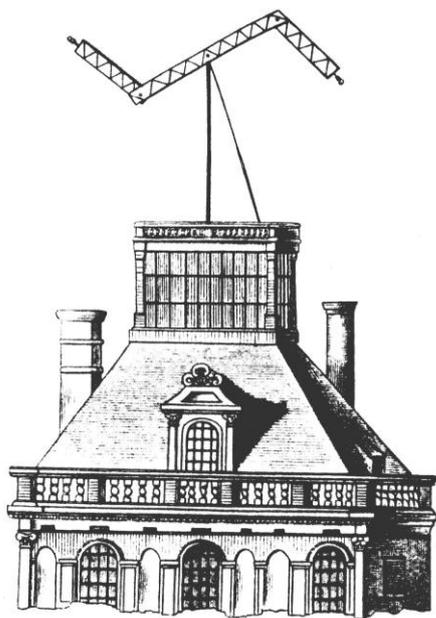
Os historiadores valorizam todos os vestígios comunicacionais e de conhecimento que encontram de uma forma que passa despercebida a quem desconhece. Para início de reflexão, lembremos, por exemplo, as pinturas rupestres e os desenhos gravados nas rochas do Côa ou os fragmentos da escrita cuneiforme que os Sumérios deixaram como marca da mais antiga civilização.

Não há dúvida: *Saber e Estar na Vanguarda* são inseparáveis e o fascínio do Saber é o caminho para Estar, não o contrário.

Há pouco mais de quinhentos anos, os poucos que sabiam ler e escrever detinham todo o *Poder*. Depois o *Poder* foi-se repartindo com a ajuda preciosa da imprensa. Guttemberg estaria longe de imaginar a importância do seu invento, mas a possibilidade de replicação dos livros, onde estava o Saber, ajudou a democratizar o conhecimento, ainda que isso tenha incomodado aqueles que deixaram de deter o *Poder* exclusivo de ler. O impacto que a imprensa teve na cultura e na sociedade leva muitos estudiosos a defini-la como uma galáxia: a galáxia de Guttemberg. Porque será?

Nos séculos dezoito e dezanove, a capacidade de aceder ao conhecimento estaria praticamente generalizada, porque ler e escrever já não era um privilégio exclusivo de alguns, ainda que essa competência apenas existisse numa certa classe social. Contudo, o tempo de acesso à informação, ou ao conhecimento, tornava-se fulcral. Bem sei que os sistemas de correio estavam a começar a desenvolver-se, mas podemos imaginar quanto tempo demoraria a chegar a Lisboa, uma mensagem enviada de Amarante? Bastantes dias, estou certo!

Esse factor, aparentemente desprezível, crê-se que tenha sido um dos grandes segredos das vitórias Napoleónicas por toda a Europa. A rapidez com que a informação chegava das frentes de batalha até aos estrategas, na retaguarda, ou dos exploradores até aos generais e vice-versa, era um trunfo que permitia às tropas de Napoleão apanhar desprevenido o alvo dos ataques. E como é que isso era possível? Bom, ao que parece, Napoleão tinha aperfeiçoado um sistema portátil de comunicação por sinais visuais, designado por Semáforo ou Telégrafo de Chappe, que lhe permitia ter acesso à informação antes dos seus inimigos.



Telégrafo de Chappe (Museu do Louvre)
Fonte: Wikipédia

Sistemas parecidos foram utilizados com muito sucesso na guerra civil Americana. Mais tarde, quando o telégrafo eléctrico apareceu, o *Poder* motivado pelo acesso rápido à comunicação tornou-se mais evidente.

As principais cidades mundiais desenvolveram-se, então, em torno das linhas de comunicação que se interligavam. Se virmos essas linhas representadas num

mapa, percebemos a razão da quase sobreposição das linhas de comunicação da informação com as linhas de transporte, principalmente ferroviário. A rede de comunicações levava consigo o progresso, a democracia e o humanismo, entre outros ismos.

O mais importante estudioso da comunicação do século passado, Marshall McLuhan, afirmava que os meios de comunicação estavam à frente dos meios de produção, no sentido em que favoreciam o desenvolvimento. A electricidade e a velocidade de acesso à informação passaram a ser o referencial de desenvolvimento da sociedade. Ainda há poucos anos, não ter electricidade era um sinal de atraso, principalmente porque toda a informação recorria à electricidade: a rádio, a televisão e o telefone. Ainda hoje, esse aspecto é tido em conta no nível de desenvolvimento dos países. Não só a iluminação pública como o acesso e a tipologia dos meios de comunicação são objecto de relatórios periódicos.

Nos últimos dez anos do século vinte, tornou-se visível uma revolução informacional com outros contornos, ainda que derivados de todo o passado de desenvolvimento, estudo, investigação e aperfeiçoamento que caracteriza o Homem: a cibercultura, ou seja, em palavras fáceis, a cultura apoiada na Internet.

A possibilidade de acesso à informação, que cada um de nós passou a deter, é, do ponto de vista teórico, uma possibilidade de ter *Poder*, de ser útil de estar integrado. Dito de outra forma: se quem tem informação tem um determinado *Poder*, tendo acesso a toda a informação, todos passamos a ter um *Poder* idêntico, a ter uma condição semelhante, a participar. Pois, mas o problema começa aí mesmo. Ter acesso à informação não significa saber usá-la! Tal como na época das invasões francesas, que tanto nos fustigaram, os meios de comunicação a distância, como o telégrafo de Chappe, eram suficientemente conhecidos, mas estavam fixos e, por isso, condicionados a muitos factores que não vêm ao caso para esta conversa.

Inovar, ou seja, aplicar o conhecimento a novas situações, foi sempre vantajoso para qualquer povo. *Saber*, está sempre na base de *Poder* participar, de *Poder* ser, de *Poder* contar para alguma coisa!

Com as tecnologias de informação e comunicação actuais (TIC), baseadas na Internet e nos computadores, a informação disponível é impossível de calcular e muita dela não interessa, é ruído ou informação enganosa, prejudicial. Contudo, não há maneiras fáceis de sabermos qual é a informação que nos permite melhorar o nosso conhecimento. Como em qualquer actividade humana, não é possível sermos especialistas se não formos além da curiosidade, isto é, não poderemos tirar partido da informação da era digital sem nos embrenharmos nela.

Actualmente há uma grande preocupação em perceber o impacto das TIC na educação, porque a evolução, não só dos meios técnicos, como a velocidade a que a informação circula, estará ligada à evolução das sociedades que com ela se confrontam. Não há forma de voltar atrás. É um comboio de alta velocidade que já está em marcha há muito, não está para vir, está a passar!

Neste momento, tal como não há como impedir o mundo de girar, não há alternativa à utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação. Ou tiramos partido dela em nosso favor ou ficaremos a limpar os olhos da “ciscalhada” que vai ficar por aí.

No futuro, por certo seremos confrontados com mudanças muito radicais e até inesperadas na forma de acesso à informação, porque, por um lado, os computadores que conhecemos hoje, pouco ou nada terão a ver com os computadores que existirão daqui a dez anos e, por outro, a tendência para a ubiquidade dos sistemas de informação é irreversível. Se pensarmos, por exemplo nos telemóveis, podemos ter uma ideia do que isto significa.

Allison Druin, da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, tem uma forma muito engraçada de abordar a utilização dos computadores na educação. Ela diz que eles devem ser “derramados no ambiente escolar”, ou seja, devem existir de tal forma integrados nas actividades lectivas que não seja preciso falar deles nem andar à sua procura para se poderem utilizar. Na sua perspectiva o *Poder*, está no *Saber* utilizar as TIC.

Esta ideia choca algumas pessoas que não entendem bem o que ela quer dizer, porque pensam que assim, os computadores passariam a ter um lugar de destaque e seriam as “estrelas” da escola, mas não é esse o significado das palavras da investigadora. O que querem dizer é que, tal como não pensamos no ar que respiramos, não pensamos nos batimentos do nosso coração nem nas vezes que pestanejamos, por exemplo, para nos mantermos vivos e atentos, devíamos ser capazes de usar, com a mesma eficácia, os meios de comunicação actuais. Afinal ninguém pergunta porque é importante saber ler e escrever ou falar, que é uma competência ainda mais ancestral.

Hoje podemos pensar, sem dúvida, que ter acesso à informação é vital para qualquer comunidade, mas a forma como se acede e como se trata essa informação é ainda mais importante. Há quem diga que não saber usar as tecnologias é como ser analfabeto, mas acho que é pior ainda, porque ser analfabeto ou não, só faz sentido de há quinhentos anos para cá, enquanto *Saber* faz sentido desde que existimos. A nossa competência social, para o bem e para o mal, está digitalizada e tem que ser encarada numa perspectiva ecológica, de combinação com o ambiente e não de intrusão. Adoptar as tecnologias significa isso mesmo, integrá-las na nossa forma de pensar e de agir, sem destaque, sem desprezo e sem medos e sem o preconceito de algo que ainda há-de vir. Estão cá e recomendam-se!

Utilizando computadores mais ou menos sofisticados, com programas informáticos melhor adaptados à aprendizagem, usando metodologias de trabalho adequadas à realidade da omnipresença dos equipamentos electrónicos e da Internet e com a nossa capacidade de integrar humanamente, temos que ser capazes de agarrar as ferramentas actuais para produzir conhecimento, porque o conhecimento é a chave!

Só quem conhece pode decidir. Decidir é Futuro, as tecnologias são sempre Passado e são sempre novas embora pense que devam pretender a ser Presente. Não tenho dúvidas que a melhor forma de assumir uma posição de equidade social e de humanismo passa pela não discriminação no acesso e uso das tecnologias de informação. E nesse aspecto, a Escola tem toda e a principal responsabilidade.

Universidade do Minho, Março de 2008

Luís Valente (valente@iec.uminho.pt)